

# FABÍOLA SIMÕES

# MELODIA DE TROVOÕES

Dizem que o raio não cai duas vezes no mesmo lugar







FABÍOLA SIMÕES

MELODIA  
DE  
TROVÕES

Dizem que o raio não cai duas vezes no mesmo lugar

# Cap 1

LUCY – 1984



Eu tinha as unhas fracas.  
pra que unhas fortes, lixadas, esmaltadas e sem cutículas  
se eu era lavadeira e passava os dias no tanque  
esfregando,  
ensaboando,  
enxaguando?  
Minhas unhas lascavam na extremidade e eu ajudava com os dentes.  
— *Tira o dedo da boca* — a vó dizia.  
A mãe fazia vista grossa  
porque ela também roía.  
Mas, diferente de mim, por ansiedade.  
Os dedos ficavam no sabugo, vermelhos, com a pele do lado inflamada.  
A vó não mascava as unhas, porque não tinha dentes.  
A dentadura era frouxa  
e ela mexia a chapa com a língua, uma cena *assombrosa*.

Mais tarde eu descobri que a gente podia ficar em carne viva não só porque come as peles em volta das unhas, mas porque alguém vai embora e rasga a gente em pedaços invisíveis que quase ninguém vê.



Eu *achava* que tinha as unhas fracas.

Depois daquele dia, porém, sempre que olhasse o courvin do sofá me lembraria com que força cravei meus dedos no tecido, com que autoridade minhas garras rasgaram o courino verde que cheirava a suor e cigarro da vó.

O chão quente ficou tingido de sangue. Nosso sangue. Pisado, suado, deramado, lambido. Escorrendo entre as pernas. Impregnando o espaço embaixo das unhas, cimentando o cabelo, cheirando a ferrugem.

Eu era uma casa no barranco, desmoronando e despejando o inquilino.

Ela bebia meu grito, resistia em meio aos escombros. Eu forçava a saída, diminuía o volume, respirava pelo umbigo, a língua seca, a represa fechada. Queria ter a fúria de uma enchente, temporal, terremoto. Mas a força vinha em ondas, me abandonava, era um vendaval cansado de soprar.

Eu era uma casa ferida, despedaçada, em ruínas. Ninguém sobreviveria nesse lar cansado, abatido, rejeitado. Desejava beber a tranquilidade, expulsar meu hóspede, ser dona e acionista majoritária do meu lar.

O deslizamento da encosta poupava o trajeto rente ao ninho de meu inquilino, e por mais força que eu fizesse, ele resistia a encontrar o buraco de saída.

O solo encharcado, a rachadura no corpo, a fenda se abrindo como um solo que se parte ao meio e divide uma cidade.

A Cidade Velha ao Norte.

A Cidade Nova — mulher no corpo de menina — ao Sul.

Oceano invadindo a fenda, ressaca do mar, ondas altas se chocando contra a pele. Ondulações fortes, rítmicas, constantes.

Gritei feito um animal ferido.

A pequena Alma chorou.

Fui invadida por

Sede

Exaustão

Medo

Solidão

Terror

E pressa. *Muitapressa.*

Preciso limpar tudo. Apagar os vestígios. Onde encontro uma tesoura?

Cortei o cordão, limpei o chão, enxuguei o suor, escrevi o bilhete, coloquei a bebê no peito. *mama, mama.* Embalei na toalha de banho, juntei alguns tecidos do varal, fiz uma caminha improvisada no carrinho de feira. Saí em disparada.

Era Sexta-feira da Paixão. A mãe e a vó estavam na missa das 3 da tarde, a cerimônia com o maior folheto da história das missas, ajoelhadas diante do Cristo morto. Entrei em trabalho de parto exatamente no instante do flagelo de Jesus, e agora, enquanto os fiéis repetiam: “Crucifica-o” e “Solte Barrabás”, eu corria pelas ladeiras da cidade miúda com Alma no carrinho, em busca de um lugar seguro onde pudesse deixá-la.

*Abandoná-la.*



# Cap 2



Abandono.

No aeroporto, uma mãe chora.

Dentro do carro, uma mulher se desespera.

Na noite escura, um homem balança os cubos de gelo no copo vazio.

No jogo de futebol, os olhos do menino buscam o olhar — ausente — do pai.

Na casa de repouso, uma avó tricota a solidão.

Na saída da escola, uma criança observa, um a um, os amigos irem embora.

Numa noite chuvosa, um bebê recém-nascido é deixado na soleira de uma porta.

Não há cura para o abandono e, cedo ou tarde, todos seremos abandonados.

Porém, seja pelo acaso ou destino — chame de que nome quiser — a vida encontrará meios de acertar as contas entre nossos abandonos e a existência.

A história desse livro começou há muito tempo. Para ser exata, há 40 anos. É lógico que naquela época eu não sabia narrar muito bem os fatos, era uma menina de 12 anos que pensava estar vivendo um rascunho, um ensaio para o que seria a vida real, aquela que eu imaginava estar muito distante, num lugar chamado Futuro. Eu não tinha a mínima ideia, mas a vida real — com sua

Solidão, Abandono, Porões e Mistérios — já se desenrolava bem na minha frente, e seria o alicerce para todas as experiências vindouras.

Quem começa a narrar essa história é a menina de 12 anos que fui e que ainda me habita. O olhar carregado de leveza, a facilidade com que transformava a realidade em aventura e os questionamentos inocentes frente à Vida e à Morte camuflam as angústias vividas naquele período. Se tivesse vocabulário, talvez nomeasse minha Solidão. Se colecionasse argumentos, talvez assumisse meus Medos. Não vou esmiuçar os fatos. Deixarei que ela narre, pelo menos nos primeiros capítulos, como tudo aconteceu.



# Cap 3

## EULÁLIA 1984



Papai é médico patologista.

Aqui na Cidade Miúda, conhecido como Olavo, **O Legista**.

Como é sua casa? — as crianças da escola me perguntam. Seu pai corta pessoas mortas, você já viu um corpo aberto? Qual o cheiro de um cérebro? Sua mãe cozinha tripas no jantar?

Eu nunca vi um corpo aberto, mas às vezes desço até o porão de nossa casa, onde funciona o laboratório de papai, e fico horas observando os frascos de vidro numerados e organizados sobre as prateleiras de cedro.

Não quero nunca imaginar que um dia uma parte do meu corpo possa parar dentro de um vidro transparente, sobre a prateleira de um laboratório. Às vezes penso que eu não deveria estar lá, que sou uma invasora, contemplando coisas que não fui convidada a contemplar. Mas daí penso que tudo isso é Ciência, e que, se Deus permite que papai estude as peças, é para que possa salvar outras vidas.

Uma vez convidei a Olívia para descer as escadas comigo. Olívia é curiosa e disse que aguentaria. Não aguentou. O cheiro forte de formol, juntamente com a visão do Inferno (ela disse isso, não eu), fez com que passasse mal. Gritei por socorro e papai trouxe água, andando calmamente, como se socorrer minha amiga fosse a coisa mais normal do mundo.

O que eu queria mostrar para Olívia eram os bebês de duas cabeças, os fetos de 12 centímetros, os embriões com más-formações. Mas antes de chegar na prateleira certa, ela foi arregalando os olhos para os frascos com fatias de pâncreas, nacos de pulmões, fragmentos de intestino, cortes de corações... e pum!!! teve que se segurar em mim para não se esborrachar no chão. Ficou branca. Suando frio. Sem voz. Quando recuperou os sentidos, inventou que tinha um trabalho da escola para terminar. “Ainda nem chegamos na parte mais legal” — eu disse, mas não adiantou. Naquele dia percebi que o cotidiano da nossa casa era muito diferente da realidade das outras casas.

Papai usa jaleco branco e se parece com o pai da Lavínia, o açougueiro da rua de baixo, usando tábuas de carne para fazer cortes finíssimos nas peças, que mais tarde vão para o microscópio. Gosto de acompanhar o movimento da faca, o corte preciso, a separação dos fragmentos com pinça, novo fatiamento até restar uma fração minúscula, que ele coloca num frasquinho contendo solução desnaturante. Depois a peça passa por coloração e outros processos, até ir para a lâmina e o microscópio.

Antes de começar a entender o trabalho de papai, eu só pensava em fazer experimentos, como se o laboratório fosse um grande circo.

Posso ver um fio do meu cabelo? e essa formiga que matei, você me deixa colocar sobre a lâmina e observar?

você já examinou uma lágrima?

a dor do homem sem perna pode ser medida pela ciência?

você não fica arrepiado de cortar o coração de alguém?

posso rezar pela alma do embrião?

Qual o nome dos bebês que foram expulsos do ventre antes de nascer? eles estão tristes? gostam de morar nos frascos de vidro? sentem falta da mãe?

E a mãe, não chora sentindo a falta deles? não quer visitá-los, cobri-los?

eles estão quietos, mas certamente conversam entre si quando a noite chega e o laboratório fica escuro, não é, papai?

Há um ano, porém, comecei a entender o que papai queria dizer quando falava que era preciso respeitar aquele ambiente. Que, apesar da minha curiosidade, ali não era lugar de *brincar*.



Entendi que o porão de nossa casa não é apenas um lugar *mágico*. É um lugar onde a Vida e a Morte se encontram, onde a Saúde e a Doença existem juntas (*coexistem*, como disse papai), onde a Dor e a Esperança têm o mesmo cheiro. Papai pode dar um diagnóstico bom ou ruim, e um dia que parece ser só mais um dia para mim, pode ser o melhor ou pior dia na vida de alguém. E isso merece *respeito*.

No laboratório, há também lixeiras de plástico com tampa. Enormes, sempre fechadas.

Gosto de abrir os reservatórios, deixando invisíveis partículas de formol — cheirando a ancestralidade e morte — *escapar*.

Sei o que me aguarda abaixo das tampas, mas, ainda assim, sempre me surpreendo ao me deparar com pernas amputadas, mãos com dedos arroxeados, úteros, fígados e seios inteiros.

De quem é essa orelha? a pessoa não escuta mais? por que as unhas dessa mão estão pretas? esse seio deu leite?

Mamãe diz que devemos orar pela alma dos mortos. Para que eles não fiquem vagando pelo purgatório, onde falta água e a língua da gente racha e queima. Lá o sangue da pessoa vira caco de vidro e sai esfolando o corpo inteiro por dentro, sem alívio algum.

Papai geralmente é paciente comigo, mas perde a paciência com mamãe. *“Para com isso, o inferno e o purgatório são aqui mesmo; você acha que Deus seria tão tirano assim, chegar ao ponto de castigar com fogo e dor se você não O obedecer? Sua mãe, hein, eu vou te contar...”*

Eu fico dividida. Quando estou em casa com mamãe, eu oro. E morro de medo do purgatório.

Aqueles bebês têm alma? e a mulher sem braço, quando ela morrer ainda terá que enfrentar o limbo da purificação? se eu me arrepender e pedir perdão todos os dias, vou para o céu? quero rezar pela mãe do Henrique...

# Cap 4

## EULÁLIA



Dizem que um raio não cai duas vezes  
*no mesmo lugar.*

Mas, na aula de Ciências a professora Nancy falou:  
*isso não é verdade.*

No Cristo Redentor, por exemplo, caem seis raios por ano  
*no mesmo lugar.*

Então se raios — explosões de eletricidade que são puro **Mistério** —  
podiam cair  
*no mesmo lugar,*  
as coisas assombrosas, admiráveis e grandiosas  
também poderiam reincidir.

E uma pessoa comum  
poderia passar por duas experiências sublimes, capazes de alterar o curso  
da vida

**INTEIRA,**  
*no mesmo lugar.*

Eu tinha 12 anos quando o primeiro raio caiu e me fez entender  
que tempestades nem sempre são ruins  
e que o som de um trovão muitas vezes é

*uma melodia.*

Daquela noite em diante eu nunca mais tive medo de temporais  
nem de mudanças  
e compreendi o que a professora de piano quis dizer  
quando ensinou  
*melodia* não precisa ser cantada,  
mas é algo agradável ao ouvido.  
Nada tinha sido bom naquele dia, mas a noite trouxe  
um poema em forma de tempestade  
e o primeiro raio me atingiu  
no s u s t o.

Às vezes não há aviso algum.  
O céu se abre  
e aquilo que precisa chegar,

CHEGA.

Antes daquela noite eu tentava entender o que era  
a ALMA,  
mas não compreendia muito bem.  
Papai era médico patologista  
e o laboratório dele  
era cheio de

**Mistério.**

Eu gostava de ver os fetos e embriões nos frascos de vidro,  
mas não entendia onde andava

a ALMA  
dos bebês.

Mamãe dizia que estavam no céu  
e que Deus tomava conta de todas  
as ALMAS.

Deus quis me dar alguma explicação naquela noite

*acho que sim.*

Porque de alguma forma

*eu entendi*

quando a *melodia*

da ALMA

me encontrou.

Antes de receber essa explicação DIVINA,

eu acreditava que os temporais

eram a ira de Deus.

E tinha medo da escuridão que tomava conta do céu

— DO NADA —

ao meio-dia ou quatro da tarde.

Ficava apreensiva com as nuvens ofendidas

que cuspiam faíscas.

Tampava meus ouvidos

para que nenhum

S u s t o

me atingisse quando o barulho do trovão

anunciasse a chegada do raio no chão

— DO NADA.

Não houve trovões na noite do dia 7 de abril de 1984.

Caiu uma chuva fina à tarde, mas o céu estava limpo quando o primeiro raio me atingiu.



Eu ajudava papai no laboratório 2, que ficava no interior da faculdade de Medicina. Naquela noite, havia um tambor dentro da minha cabeça, latejando dos dois lados, perto de meus olhos.

Queria ir embora, mas havia uma pilha de lâminas para ele responder.

*Preciso ir ao banheiro. De novo? Tô apertada, vou rapidinho.*

Peguei minha lanterna

(a faculdade tinha interruptores, mas eu preferia andar com minha lanterna)

e, pela terceira vez naquela noite, fiz o caminho até o toilette.

A faculdade tinha corredores gelados e o laboratório ficava no fim da última alameda, após a sala de anatomia e o centro de histologia. Na entrada da anatomia havia um esqueleto completo, em pé, com ossos unidos por ganchos de metal.

Eu gostava de explorar os cômodos escuros da escola usando minha lanterna. Fingia ser uma garota perdida na terra dos mortos-vivos, passeando entre cadáveres que boiavam em formol. Analisava as unhas arroxeadas, os genitais pálidos, as faces indiferentes e perturbadoras. Nunca tinha ido ao cemitério, jamais tinha visto um caixão, não conhecia a aparência de um túmulo. Dentro da faculdade, porém, eu era uma arqueóloga perdida numa mina de carvão, com passagens secretas e perigos à espreita de um passo em falso. Conhecia cada aposento, sabia de cor a numeração das dependências, reconhecia as distâncias, identificava as esquinas e dominava os ambientes. Enquanto papai trabalhava na sala de patologia, eu era uma exploradora em busca de segredos, pistas, rastros, vítimas e culpados. Os cadáveres eram pessoas que haviam se perdido nos escombros há milhares de anos, como faraós embalsamados. E o esqueleto na porta da anatomia (que eu chamava de seu Luís) era o antigo guardião da mina, que fazia a ronda da madrugada quando a faculdade ficava vazia.

Antes daquela noite, eu achava que as coisas grandiosas tinham um ritual específico para acontecer.

Acreditava que batizados, formaturas, casamentos e até mesmo aniversários seguiam um curso pré-definido, em que a gente escolhia músicas,

comprava roupa nova, encomendava bolo e docinhos. Não imaginava que muitas coisas chegam no susto, sem que a gente tenha tempo de dizer *sim eu aceito* ou mesmo que a gente esteja num dia bom, propício a ser surpreendido. Também não há tempo de correr na costureira e encomendar uma saia para a ocasião.

Alguns eventos nos atingem como **raios**.

E por mais que eu tenha a tendência de romantizar a vida, não houve nada de extraordinário naquele terceiro trajeto ao banheiro.

Porém, foi durante aquele percurso que  
*ouvi,*  
pela primeira vez,  
a *melodia*  
da ALMA.

Estava tudo fechado e escuro  
a faculdade, os corredores, o refeitório.  
As ruas, do lado de fora,  
*vazias.*

O som foi muito nítido, limpo, claro.  
Aumentou à medida em que entrei no refeitório e me aproximei da porta que dava para a rua.

Saí em disparada, fui até papai, peguei o molho de chaves no bolso de seu jaleco e  
corri de volta  
*o mais rápido que pude.*

Eu conhecia cada chave e fechadura da faculdade, não precisei de muito tempo para distinguir o metal de arco saliente com a impressão *Papaiiz* coberta por adesivo azul.

Abri a primeira porta de vidro, destravei os trincos do portal de metal e, em poucos segundos, estava na calçada da rua Valadares.

No meio de um ninho feito de tecidos e toalhas cheirando a leite e amaciante de tecidos, um bebê recém-nascido chorava.

(*melodia*)

Me debrucei sobre a pequena

ALMA

com todo meu corpo

(eu era uma *nuvem*

abraçando um raio)

e, pouco a pouco, ela se acalmou.

A Vida não pede licença

nem pergunta se você está pronto.

É como o saleiro da casa da vó Inês.

Se a gente não tomar cuidado, salga demais a comida.

Só que no caso da Vida, o sal de mais ou de menos chega pelas mãos  
*do acaso,*

sem perguntar se você prefere desse ou daquele jeito.

Algumas vezes, o sabor está certinho, uma delícia.

De repente,

*insosso.*

Outras vezes, pungentemente *salgado.*

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA  
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

**[www.faroeditorial.com.br](http://www.faroeditorial.com.br)**



**CAMPANHA**



Há um grande número de pessoas vivendo com HIV e hepatites virais que não se trata.

Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro.

**FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!**



**ESTA OBRA FOI IMPRESSA  
EM JULHO DE 2024**